

CARTA ABERTA AO MEU TRISAVÔ

Paulo Rodrigues dos Santos
Engenheiro

Carta do Passado para o Futuro

Santa Maria do Suaçuí, 13 de Maio de 1889, Governador Valadares, MG

Escrevo essa carta para meu trisneto e espero que chegue às suas mãos com você já homem feito. Na verdade, quem escreve para mim é a dama da sinhazinha que por sua graça ensinou escondido a pretinha a escrever, pois eu, como todos os meus irmãos pretos, somos analfabetos de pai e de mãe. Ai se o Barão descobre que tem escravinha que sabe ler e escrever...

Se diz aqui na senzala à boca pequena que hoje faz um ano que a filha do imperador assinou um documento que libertava todos os escravos mas nesta fazenda a gente ainda trabalha de sol a sol na lavoura do café.

Apesar de eu ter só 12 anos, ontem para mim foi o dia mais triste da minha vida, pois o feitor açoitou meu pai porque, segundo ele, o preto estava de corpo mole no trabalho. Na verdade, eu sei que meu pai está muito doente, os pulmões dele estão bem debilitados, pois o inverno já se avizinha e todos nós trabalhamos sem camisa ou com uns trapos que não nos protege do frio.

Espero que aí no futuro, meu trisneto, você já seja homem livre de verdade, pois não sei se esse documento assinado vai, de fato, vingar. Aqui no meu tempo, ser preto é sinônimo de sofrimento.

A benção do Senhor para você, meu trisneto, rogando ao Altíssimo que você esteja melhor do que eu aqui nesse quase fim de século.

RESPOSTA DO FUTURO PARA O PASSADO

13 de Maio de 2024. Curitiba, Estado do Paraná.

“Bença” vô! Posso te chamar só de vô, apesar do senhor ser meu trisavô?

Hoje faz 136 anos que a filha do imperador assinou o documento, vô, eis que se chama Lei Áurea. De fato, ela libertou os escravos, vô, mas infelizmente apenas na teoria, pois na prática ainda hoje tem uma série de povos aqui no Brasil que podem ser chamados de escravos modernos. São bolivianos, venezuelanos, paraguaios e muitos brasileiros trancados dentro de confecções, fabriquetas de fundo de quintal, carvoarias e mesmo grandes lavouras onde muitos trabalhadores continuam como

escravos em jornadas insanas de trabalho sem direito aos mínimos à dignidade humana. Isso é a tirania do mundo moderno.

Infelizmente o seu nome, vô, foi apagado da história, afinal, o senhor era apenas mais um escravo, mas eu sei o nome do seu filho, que foi meu “biso”. Ele se chamava Joaquim. Ele teve outros 6 filhos, seus netos, e o segundo deles, de nome Sebastião foi meu avô e eu tive o privilégio de conhecê-lo. Era meu vô negão. Até a sua terceira geração, vô, seus descendentes ficaram aí em Santa Maria do Suaçuí, mas meu avô Sebastião migrou aqui para o interior do Paraná na década de 1960 em busca de trabalho em novas terras do café. Mas por causa da geadas que devastou o cafezal na década de 1970 ele e meu pai já casado com minha mãe migraram aqui para Curitiba em busca de trabalho. Moraram aqui pertinho de onde lhe escrevo, na favela do Prado Velho.

Meu avô Sebastião se casou ainda em Minas Gerais com uma “bugra” descendente de indígenas, então meu pai, José, também mineiro irmão de outros 9 filhos do seu Sebastião, já não é tão preto como o pai dele. Meu pai se casou com uma mulher branca, neta de europeus então eu também embranqueci um pouco. Quantas vezes eu fui vítima de piada quando conto que meu outro avô era filho de italiano e minha outra avó era filha de espanhóis. ‘Ora, mas você é preto, como pode?’ É que do outro lado tem meus ancestrais que me deram meu avô negro. Mas o seu sangue forte, vô, corre no meu braço e me deu o tom de pele que me faz lembrar do meu passado.

Quando eu era criança, vô, eu tinha meu melhor amigo, também pretinho. Aliás a mãe dele eu também considero quase como uma segunda mãe, minha mãe preta, de tão boa que ela foi para mim. Ajudou a cuidar de mim quando minha mãe precisava trabalhar de diarista.

Esse meu amigo era parecido comigo, bem diferente dos outros meninos da nossa rua e da rua de cima. A gente pensava diferente, queria ser alguém na vida, ter sucesso, carro importado, viajar o mundo, atingir patamares que realmente não faziam parte da nossa pobre realidade. Como educação e lições de moral a gente teve dentro de casa, sabíamos que o único caminho justo e alcançável era estudar pra conseguir ser alguém. Mas o irmão dele, em um dia inesquecível para mim, nos falou: ‘deixem de ser sonhadores, vocês são pretos, vocês são pobres, vocês nunca vão conseguir!!’

Desde pequeno eu queria ser engenheiro e sabia que apenas pelo estudo eu poderia atingir conquistas que não me pertenciam até então. Quando eu já estava trabalhando vô, eu tentei entrar na universidade por duas vezes mas não consegui. Decidi que se se continuasse fazendo as mesmas coisas eu teria os mesmos resultados, então resolvi mudar. Decidi largar o emprego para me dedicar a entrar na universidade. Um amigo que havia me conseguido a vaga naquela empresa me falou: ‘você é louco, deixar esse emprego numa boa empresa para tentar um sonho? Você não tem capacidade de entrar na Federal do Paraná!’ Tomei aquilo como mais um combustível para minha

jornada. Meses depois fui até a casa dele para dar a notícia: 'você estava errado. Eu sou calouro de Engenharia Elétrica na UFPR!!'

Hoje, vô, existe um lugar chamado shopping. Para o senhor entender, é um lugar onde o seu Barão, a sinhá, a sinhazinha iriam hoje para comprar roupas, sapatos, joias. Um dia eu entrei no shopping mais chique daqui de Curitiba e percebi que algumas pessoas olhavam me julgando, como se esse lugar não fosse para mim. Até o segurança, também preto, acompanhou-me e me observou por um tempo. Senti-me diminuído, vô, mas não baixei minha cabeça, pois tinha a convicção de que não devia nada para ninguém e se sou livre posso frequentar onde eu queira não importa minha classe social, a marca da minha roupa ou a cor da minha pele.

É estranho ver que tem gente que quando me vê, preto, dirigindo hoje em dia um carro de luxo acha que devo ser o motorista ou que o carro é roubado.

Apesar dessas experiências, vô, eu posso dizer sou um vitorioso. Eu como engenheiro já tive oportunidade de trabalhar na Europa, e eu consigo falar com eles seja na língua deles ou numa língua comum que boa parte do mundo se comunica hoje em dia, igual ao filho do seu Barão do café que foi estudar lá.

Hoje aqui de onde eu escrevo essa carta para o senhor, vô, tem gente de todo tipo. Tem dois com sobrenome japonês, tem descendente de alemão, tem gente com sobrenome italiano, tem um que veio do Pará, tem gaúcho, tem um recém-chegado do Amazonas e muitos outros. Enfim, todo mundo diferente, mas todo mundo aqui se trata como iguais. Aqui é o único lugar, vô, que eu sou chamado de irmão por toda essa gente diferente. Quando que o senhor imaginaria que um descendente seu seria chamado de irmão por tanta gente importante, vô? Mas infelizmente aqui é a exceção. Dessa porta para fora a desigualdade continua. Preto ainda quase não tem acesso à educação de qualidade, aos serviços básicos, a construir o seu futuro de forma a ser chamado de homem livre.

Hoje, vô, eu luto para que não somente os pretos mas os homens e mulheres sejam todos tratados como iguais. Esse é um dos princípios desse lugar onde estou agora e de onde leio essa carta para você, meu trisavô.

Curitiba, PR, 13 de Maio.

Dia de comemoração da Abolição da Escravatura no Brasil

Paulo Rodrigues dos Santos